

Chico Amaral faz
show que terá como base
músicas do CD *Singular*

JMA NOITE DE SAX

O saxofonista Chico Amaral conseguiu um feito raro na área musical: ser requisitado e respeitado tanto pelos instrumentistas mais exigentes quanto pela turma jovem do pop rock. Em vôos solo como no último disco *Singular* ou em parcerias, a exemplo do novo CD do Skank, que deverá se chamar *Estandarte* e no qual assina seis faixas, sempre deixa uma marca inconfundível nos projetos: a qualidade das canções. A preocupação é sinal dos novos tempos. "De modo geral, a música está empobrecida. Ao público, resta garimpar", diz ele, que é uma das atrações da Festa da Música. Hoje, às 19h, apresenta-se na Praça do Papa, em Belo Horizonte.

Requisitado por grandes artistas do cenário nacional, Chico Amaral começou a carreira em 1979, no conjunto de choro Naquele Tempo, quando tocou com Altamiro Carrilho e Cartola. Desde então, não parou de realizar o que mais gosta: música. Compôs canções interpretadas por Milton Nascimento, Ney Matogrosso, Marina Machado, Maurício Tizumba, Dona Jandira e, é claro, o Skank. "Procuro sempre um resultado artístico que me

convença. Essa busca é o que me leva a tentar inovar."

O show na Festa da Música será baseado no disco *Singular*. "É um repertório que me permite improvisações", avisa ele, que não raras vezes usa os bares da noite da capital como laboratório. Além de composições como *Panamericana* e as inéditas *Mister Silva* e *São Domingos*, não abre mão de tocar *Singular*. "Foi uma das minhas primeiras composições instrumentais. Ali encontrei um caminho ligado à música de Minas e às improvisações, um certo jazz mineiro, que permanece." A "descoberta", ele usa até hoje em causa própria.

Em 2002, Chico Amaral gravou nesse clima o disco instrumental *Livramento*, em parceria com Flávio Henrique e com participação em faixas cantadas de Milton Nascimento, Ed Motta e Marina Machado. Seu segundo disco, *Identidades*, de 2005, seguiu na mesma busca pela experimentação. No repertório do show, além de ter à disposição antigas criações, aposta em sua peculiar interpretação de obras consagradas. "Pode ser que façamos *Bachianas n.º 5*, de Villa-Lobos", adianta. (SRR)

